

04. ESCOBAR, E. Figueiredo. *Psicología del lenguaje*. Ikwana, Editorial Pueblo e Educacion, 1982.
05. FERREIRO, E. *Psicogêneses e educação*. Departamento de Investigações Educativas. Mimeografado.
06. HUGUET, Michele. *Dialectique et psychologie*. In: *Actualité de la dialectique*. Publication du Centre Universitaire de Recherche Sociologique D'Amiens, Ed. Anthropos, 1980.
07. LURIA, A. *Curso de Psicologia Geral*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.
08. _____. *Consciência y lenguaje*. Madrid, Editorial Artigrafia, 1980.
09. _____. *Pensamento e linguagem; as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.
10. PIAGET, J. *A Linguagem e o pensamento da criança*. São Paulo, Fundo de Cultura, 1976.
11. VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo, Martins Fontes, 1984.
12. _____. *Pensamento e linguagem*. Lisboa, Ed. Antídoto, 1970.
13. ZAZZO, René. *Psychologie et marxisme. La vie et l'oeuvre d'Henri Wallon*. Paris, Ed. Denöel/Gouthiers, 1975.

PERFORMANCE AUDITIVA DOS ALUNOS: FATORES INTERVENIENTES

*Ângela Jungmann Gonçalves **
*Waldete Ferreira Leite de Souza Flávio ***

Faz-se uma reflexão sobre a importância do ato de ouvir dentro do processo de comunicação e dos objetivos do ensino de língua materna. São indicados os fatores físicos e mentais que nele intervêm e a possibilidade e necessidade de se aumentar a acuidade auditiva através de treinamento sistemático.

O ensino da língua materna como instrumento de comunicação – função precípua da linguagem – põe em relevo o papel do aluno como emissor (ele fala e escreve) e como receptor de mensagens (ele ouve e lê), no processo de comunicação. Sua competência lingüística possibilita-lhe codificar, como emissor, um número infinito de frases que ele nunca codificara antes; possibilita-lhe também decodificar, como receptor, um número igualmente infinito de frases que ele nunca ouvira antes. Aumentar a competência lingüística do aluno e aperfeiçoar-lhe a performance no falar, ouvir, ler e escrever devem ser, pois, o objetivo norteador do ensino de língua materna.

Além de instrumento de comunicação, a língua é também instrumento do pensamento, como se pode observar tanto nas funções monológicas, como nas funções dialógicas da linguagem⁽¹⁾. Isto reforça a necessidade de se voltar o estudo da língua para o desenvolvimento das habilidades intelectuais do educando. O professor, ao ensinar a língua, aproveitará e criará oportunidades para orientar o aluno na busca e

* Professoro Titular da Faculdade de Educação da UFG

** Professora Adjunto 4 da Faculdade de Educação da UFG

aprimoramento de suas capacidades intelectivas, incentivando-o no cultivo de padrões mais ricos e consistentes de pensamento.

Estabelece-se entre as habilidades lingüísticas e as do pensamento uma interrelação de causa e efeito, de fato e consequência. Essa interrelação, sobretudo do ato de pensar e de redigir, tem sido demonstrada por vários autores, que consideram a redação como um processo de pensar⁽²⁾. O mesmo se pode dizer a respeito do falar e de ler. Entretanto, quase não tem sido questionada nem explicitada a relação entre o ouvir e o pensar. Até que ponto pode a habilidade de ouvir influenciar na habilidade de pensar? Como a habilidade de ouvir poderia facilitar o ato de pensar?

Embora capacitar o aluno a ouvir seja um objetivo do ensino da língua materna, pouca ou nenhuma atenção lhe é conferida. Ocupa um minúsculo espaço (enquanto algum espaço lhe é cedido), seja no planejamento, seja na sua execução no cotidiano da sala de aula. Propõe-se aqui, em vista disto, tecer alguns comentários a respeito do ato de ouvir e dos fatores nele intervenientes, buscando despertar a atenção de professor para a necessidade de desenvolver a própria habilidade de ouvir e, principalmente, de treinar o aluno nessa importante habilidade.

O desenvolvimento da habilidade de ouvir deve ser objeto de primeira preocupação do educador. Aquele que sabe ouvir é capaz de decodificar e executar ordens que lhe são transmitidas, de aprender coisas novas, necessárias e interessantes. A capacidade de escutar, além de ser uma das principais qualidades da liderança, facilita ao indivíduo a sua integração na comunidade.

O bom ouvinte adquire prestígio, e pode capacitar-se a influenciar pessoas e a mover acontecimentos. Em qualquer diálogo, torna-se evidente a necessidade de um bom ouvinte, já que se alteram as posições do locutor e receptor. Cada locutor tem de ajustar a sua mensagem à resposta do receptor. A manutenção do diálogo vai depender da compreensão do que se ouve. É, então, imprescindível saber ouvir para melhor compreender o interlocutor; a interpretação precisa coincidir na transmissão e na recepção, a fim de que o significado seja o mesmo, do emissor para o receptor e do receptor para o emissor.

O verdadeiro suporte da comunicação é a emissão e a recepção de sons orais; as outras formas de comunicação se colocam ao lado de sua essência intrínseca.

Na comunicação oral, dois processos se acham envolvidos. O primeiro, na mente do emissor, é a seleção de palavras e de combinações capazes de exprimir seu pensamento. O segundo, na mente do receptor, é a conversão das palavras e combinações ouvidas em pensa-

mento. O ponto mais difícil nessa comunicação é o de assegurar que os pensamentos criados na mente do ouvinte resultem nos mesmos que os do emissor. A má interpretação não é um simples e lamentável acidente, mas um evento normal e provável que deve ser, tanto quanto possível, evitável. O ouvinte atento assegura-se de que sua mensagem está sendo recebida, e de como o está sendo; estimula o interlocutor a falar e evita mal-entendidos. Além disso, através da audição, economiza o seu tempo e dispõe de excelente meio de adquirir informações, que, em sua mente, se transformam em conhecimentos.

Da mesma forma que pensar e falar não são processos dissociados uma vez que, ao externar o pensamento, procura-se organizá-lo dentro de uma certa ordem e coerência, a fim de torná-lo claro e facilmente compreensível, o ouvir também não se dissocia do pensar. O receptor decodifica, segundo o seu esquema de entendimento, o que ouve, no preciso instante em que a mensagem é recebida. Ele ouve e reflete sobre o que está ouvindo.

O bom ouvinte sabe selecionar o que ouve, destacando os tópicos frasais, separando as idéias principais das acessórias; analisa essas idéias, descobrindo as que são paralelas, contraditórias, coordenadas e subordinadas. Esse trabalho de análise e seleção é um processo do pensamento mais desenvolvido na habilidade de ler, mas deve ser igualmente perseguido na habilidade de ouvir, não só por ser importante na comunicação, mas também por serem as oportunidades de ouvir mais constantes e freqüentes que as de ler.

O fato de o receptor possuir memória auditiva, ainda que breve, e de pensar mais depressa que o emissor⁽³⁾, isto é, o fato de ser mais rápida a decodificação que a codificação, é que torna possível analisar o que se ouve no preciso momento em que se ouve, e continuar seguindo a exposição do falante. Se o ouvinte, transitando de trás para diante, não se adiantar, juntando as expressões recebidas e reconstituindo com rapidez as frases emitidas pelo falante, ele corre o risco de atrasar-se e não dispor de tempo suficiente para decodificar ou reodificar o que ouve⁽⁴⁾.

No diálogo, a freqüente alternância de papéis de emissor e receptor ativa a audição, porque requer a atenção constante e seletiva do ouvinte, que, no instante imediato ao do escutar a mensagem, se torna emissor.

É um processo dinâmico. Se, contudo, ele se atrasar na decodificação, seja por não ter entendido as palavras proferidas pelo emissor, seja por não ter compreendido o sentido das frases ouvidas, ele pode, na sua vez de emissor, solicitar a repetição ou explicitação do que foi

dito. Isto, entretanto, não deve ocorrer após cada ato de fala, ou mesmo com muita frequência, pois fragmentaria a seqüência da comunicação, prejudicando-a a espontaneidade, além de tornar o diálogo desinteressante e cansativo.

Numa exposição oral tipo conferência, palestra, etc., em que a comunicação é unidirecional, não se verifica a alternância de papéis. O conferencista permanece por um tempo relativamente longo como emissor, enquanto o ouvinte segue, durante todo o período da exposição, como receptor. Sua atenção se enfraquece e ele se distrai. Ele se atrasa, perde parte das frases; torna-se-lhe difícil seguir o que está sendo dito e, conseqüentemente, acompanhar o raciocínio do expositor.

Sabe-se que as pessoas ouvem com mais atenção o que é dito nos primeiros quinze minutos de uma palestra; recordam-se melhor do que ouvem, também, nesses primeiros quinze minutos. Trinta minutos, em geral, é o limite para um ouvinte diante de um único orador. Inúmeras são, todavia, as vezes em que as pessoas são obrigadas a ouvir palestras, conferências com duração superior a trinta minutos. Elas devem, então, ser treinadas a ouvir com atenção e discernimento por períodos gradativamente crescentes. Isto requer esforço, persistência e dedicação e deve ser realizado, preferentemente, no período escolar. O professor, seja de que disciplina for, deve treinar o aluno nessa habilidade e conscientizá-lo de sua importância.

Aulas expositivas bem planejadas e preparadas com seqüência lógica e coerente, acompanhadas de adequado material audiovisual, são excelentes auxiliares no treinamento de ouvir com atenção por um tempo maior. Inicia-se com pequenas exposições e, paulatinamente, vai-se aumentando a sua duração e diminuindo a quantidade de recursos audiovisuais. O hábito e a técnica de anotar aulas, palestras, conferências podem ajudar o ouvinte a manter-se atento à exposição e acompanhar o raciocínio do expositor, desde que sejam anotações rápidas, esquemáticas, para memorizações posteriores.

A pequena habilidade de ouvir do aluno prejudica o mesmo nas mais elementares atividades didáticas. A maior parte dos estudantes alcançaria melhores resultados em seus trabalhos escolares se escutassem de maneira mais satisfatória as explicações e questionamentos de seus professores e colegas. Por não saberem ouvir, não conseguem acompanhar atentamente as exposições, perdem-se em devaneios, atrasam-se na decodificação, não seguem o raciocínio do expositor, não estabelecem nexos entre as idéias, fragmentando ou deturpando o pensamento, não interpretando, portanto, adequadamente, o que foi dito.

Essa deficiência, falha, e até erro, na decodificação do que ouviu vai interferir, evidentemente, na demonstração do que aprendeu.

Embora seja um dos mais úteis e utilizados instrumentos do processo de comunicação, a audição é freqüentemente negligenciada e talvez seja a habilidade mais descuidada da comunicação humana. Ouve-se mal e a assimilação pelo ouvido é percentualmente baixa, e a memória auditiva tende a baixar à medida que se afasta do momento da audição.

É também o ouvir um dos mais importantes fatores da aprendizagem. A todo instante ouvem-se informações que são transformadas em conhecimentos. Os professores, mormente os de Comunicação e Expressão, devem dar à capacidade e à acuidade auditiva igual importância e cuidado que dispensam à visão. No início do ano letivo, as escolas costumam promover exames médicos e biométricos dos alunos. Medem-se-lhes a pressão, a altura, o peso. Fazem-se exames de fezes e exames de vista. Verifica-se se a luz não lhes ofusca a visão do que se escreve no quadro de giz. Ninguém, entretanto, procura indagar se o aluno ouve bem, se discrimina adequadamente os sons, se a sala de aula oferece uma boa acústica. Quando o estudante comete alguma falha ao escrever, ninguém questiona se ela ocorreu por ele não haver discriminado os sons, sobretudo o das homógrafas. Uma pequena deficiência do aparelho auditivo pode prejudicar a recepção do som e, conseqüentemente, o desempenho do aluno.

Vários fatores podem interferir na acuidade auditiva, intensificando-a ou enfraquecendo-a. Whitaker Pentecost distribui em dois tipos esses fatores: os físicos e os mentais. Arrola, entre os físicos, a temperatura, o ruído, a iluminação, o meio ambiente, as condições de saúde, as deficiências auditivas e a forma de apresentação. Entre os fatores mentais, destaca a indiferença, a impaciência, o preconceito, a preocupação, a posição sócio-econômico-cultural, a oportunidade⁽⁴⁾. Cada um desses fatores, tanto físicos quanto mentais, deve ser observado cuidadosamente.

A temperatura extrema prejudica a audição, interferindo na atenção do aluno e na disposição mental do professor. O calor excessivo e o frio intenso irritam, dão preguiça e provocam o cansaço. Salas arejadas e bem ventiladas no verão e aquecidas no inverno favorecem a atenção e a audição.

O barulho leva vantagem sobre o murmúrio, quando se quer despertar a atenção. Depois de algum tempo, qualquer barulho constante deixa de ser percebido, porque o indivíduo se adapta a ele de tal forma que a simples intensidade do som aliada à repetição não basta

para manter-lhe a atenção. Ele continua a ouvir o som, é bem verdade, todavia o apelo se limita à atenção que os psicólogos chamam de atenção periférica: ele ouve, sem distinguir, selecionar e concentrar sua atenção. Torna-se indispensável a modificação do som para que se renove a atenção e ela se torne dirigida. Daí a necessidade de o professor, durante um período mais prolongado de exposição, modificar a altura e a intensidade de sua voz, introduzir novos estímulos à atenção.

O silêncio absoluto cansa, todavia o ruído intenso perturba ainda mais as pessoas e interfere fortemente na audição. A partir de 80 decibéis, um som contínuo produz alteração nervosa no indivíduo. Submetida constantemente a sons muito elevados, a pessoa tem o seu sistema auditivo habituado a sons altos, adquirindo certa dificuldade em perceber sons mais baixos, que em condições normais ouviria com facilidade. A grande capacidade de adaptação do ser humano possibilita-lhe realizar trabalhos intelectuais em ambientes barulhentos; contudo, sua produção é menor e maior o seu cansaço do que se tivesse trabalhando em ambiente onde houvesse silêncio.

O barulho, como todo ruído, incide no canal de comunicação, prejudicando-a. Exigem-se, então, para compensar-lhe as perdas, maior redundância, sobretudo de marcas, e maior esforço de concentração do ouvinte.

Ambientes descontraídos, onde se possa falar sem interrupções e barulhos desnecessários, são sempre favoráveis a uma comunicação eficiente; interferem no estado emocional do ouvinte, beneficiando-lhe a capacidade de audição. As interrupções devem ser evitadas; elas cortam o pensamento do emissor e impedem-no de falar. Observações e comentários devem ser reservados para o final da elocução, oportunidade em que se podem dirimir as dúvidas. O bom ouvinte demonstra, sem interromper seu interlocutor, que o está escutando com atenção e interesse.

O ouvinte deve procurar enxergar quem fala, porque a visão ajuda a audição. O emprego dos olhos de modo continuado, mormente em condições desfavoráveis de iluminação, diminui a acuidade visual, concorrendo para o prejuízo da audição. Na comunicação oral, a luz deve ser levada em consideração, a fim de que se possam observar a expressão facial e os gestos de quem fala e a atenção do ouvinte não se disperse, o que lhe prejudicaria a concentração.

Uma simples indisposição física, fadiga ou doença podem comprometer todo o processo de comunicação. O cansaço é uma das causas, dentre as muitas, do baixo rendimento dos cursos noturnos,

quando alunos e professores já se encontram fatigados por um prolongado dia de trabalho.

A deficiência auditiva inconsciente exerce, como demonstra W. Penteado, influência sobre o sistema nervoso⁽⁶⁾. Quem ouve mal e não o sabe irrita-se com facilidade, julgando que as pessoas falam baixo ou não sabem falar, uma vez que não consegue entender o que dizem. Por esse e outros motivos, tanto a família quanto a escola (insiste-se) devem dispensar ao aparelho auditivo os mesmos cuidados que dispensam aos olhos, instrumentos ambos de alta precisão.

A forma de apresentação é também um fator muito importante para a audição. Ela estimula o ouvinte, predispondo-o positivamente para ouvir o que vai ser dito.

A predisposição ao ato de ouvir depende, também, e muito, de certos fatores mentais, porquanto é a atitude mental do ouvinte que vai conferir maior ou menor eficiência a sua audição. Se o ouvinte for indiferente ao que estiver ouvindo, não escutará, porque não estará interessado. É necessário, então, despertar-lhe a atenção estimulando-lhe o interesse individual. Toda e qualquer forma de aprendizagem pode ficar prejudicada pela indiferença. Se o aluno estiver interessado no que diz o professor, ele o escutará, mas, desinteressado, deixará de ouvi-lo. Para estimular-lhe o interesse, faz-se necessário, por conseguinte, motivá-lo, já que todo comportamento humano tem por base um motivo. Para escutar, deve o aluno ter motivos para fazê-lo: satisfazer a uma necessidade, usufruir de uma vantagem ou benefício, atender, enfim, a seu interesse individual. Ouve-se melhor sempre que, por interesse, é preciso compreender. A falta de interesse leva o aluno a impacientarse, afetando-lhe a audição.

Para ouvir, é preciso tempo; quem está ouvindo deve ser paciente e empenhar-se para compreender o que está sendo dito. O ato de ouvir exige reflexão e concentração.

Quando o professor não se empenha em fazer-se compreendido, expressa-se com dificuldades, sem fluência e espontaneidade, faz pausas intermináveis, emprega mal as palavras, volta sempre às mesmas idéias, gera a impaciência do aluno que deixa de prestar atenção e, conseqüentemente, de ouvir. A impaciência é emocional e, como qualquer emoção, perturba a audição.

Se ouvir é um ato voluntário e consciente, escuta-se quando se quer e o que se quer ouvir. O preconceito faz o ouvinte, ainda que inconscientemente, selecionar o que ouve e até distorcer o que ouve. Penteado alerta o ouvinte a tomar consciência dos seus preconceitos para não se acorrentar a eles e, citando Thompson, afirma que "a cons-

ciência do peso dos preconceitos sobre a audição poderia ser o primeiro passo para ouvirmos melhor, para uma audição compreensiva⁽⁷⁾. Numa conferência, por exemplo, o preconceito leva o ouvinte a fechar os ouvidos a todos os argumentos que lhe pareçam contrários a suas convicções, e a aguçá-los às idéias que se harmonizam com o seu modo de pensar. Evita-se o preconceito buscando ouvir com objetividade ou com empatia, isto é, colocando-se imaginativamente no lugar do emissor.

O nível hierárquico do emissor e do receptor interfere na comunicação, tanto no ato de emitir a mensagem quanto no de recebê-la. Se o receptor é de nível sócio-cultural mais alto que o emissor, este pode sentir-se embaraçado e não ter um bom desempenho lingüístico ao se comunicar. O receptor também é afetado pelo "status" do seu interlocutor e, perturbado pelo desejo de agradar, pelo medo de errar, pela imagem que quer passar, não escuta correta e convenientemente o que lhe é dito. É mais uma forma de emoção interferindo na audição.

Ninguém pode ser bem sucedido sob forte tensão ou "stress" de qualquer natureza. Seja qual for a causa da tensão, ela age no organismo prejudicando-o em vários aspectos, inclusive nos relativos à audição. Preconceitos, preocupações, medos, ansiedades integram-se na mensagem recebida e juntam-se aos maus hábitos para distorcer o que se ouve, influenciando inclusive no significado das palavras e no entendimento.

O ato de ouvir exige atenção total, predisposição positiva e despreocupação. A pessoa preocupada não escuta, pois está com atenção presa a outra coisa. A preocupação, estado de angústia, é incompatível com a audição. O professor preocupado não se dispõe a ouvir o aluno; este, preocupado, não é capaz de prestar atenção no que diz o professor. Deve-se buscar a oportunidade certa, o momento adequado para ouvir e se fazer ouvir melhor.

Como se vê, ouvir mal não é só uma questão de deficiência do aparelho auditivo. Uma série de fatores físicos e mentais contribui para que se ouça mal. Nem sempre o indivíduo consegue evitar as tensões. É necessário, porém, que ele esteja consciente delas e tente reduzi-las e minimizar-lhes as conseqüências. No que se refere à audição, o ouvinte, consciente das interferências que podem afetá-la, deve procurar vencê-las ou transformá-las em insumos, através de treinamento constante e adequado, treinamento esse que deve ser feito em todos os níveis na perícia em escutar: discriminação dos sons; compreensão do que se ouve; distinção entre real e imaginário e empatia ao escutar.⁽⁸⁾

Para aumentar a discriminação de sons, pode-se valer de exercícios como os utilizados em aulas iniciais de cursos de formação musical, como por exemplo: 1) procurar ouvir e reconhecer os barulhos do ambiente em que se está: o arrastar de uma cadeira, o bater de uma porta, o bater de palmas, um assobio, uma tosse, o buzinar de um carro, o choro de uma criança etc.; 2) com os olhos fechados, imaginar que se está numa floresta e discriminar os sons de uma gravação, o chilrear dos pássaros, o rumorejar ou cascatear da água, o roçar das folhas, o sussurrar da brisa, o zumbir do vento nas árvores, o bater de asas etc.; 3) identificar vozes de animais; 4) distinguir e identificar a voz de cantores atuais famosos; 5) distinguir o som de vários instrumentos musicais de uma bandinha; 6) identificar os instrumentos que fazem solo em uma orquestra; 7) reconhecer o ritmo de músicas populares; 8) diferenciar a pronúncia de sílabas e palavras de sons semelhantes; 9) repetir instruções dadas oralmente, em que aparecem várias etapas ordenadas; 10) identificar o som produzido pela batida em diversos corpos (metal, vidro, cristal, madeira etc) e inúmeros outros exercícios que a imaginação e a criatividade do professor podem sugerir.

Para a compreensão do que se ouve é fundamental que se atente aos contextos, aos referentes e à entonação. A palavra é atualizada dentro de um contexto, dele vai depender o seu preciso significado. Vejam-se os seguintes conjuntos de frases e atente-se para a diferença de referentes das palavras destacadas:

- 1) a) A **pata** nada na lagoa.
b) O cão está com a **pata** ferida.
- a) A **coroa** do rei era de latão.
b) Levei uma **coroa** de flores ao cemitério.
c) Você precisa se casar; já está ficando **coroa**.
- a) O cirurgião marcou a **operação** para as dez horas.
b) Tratava-se de uma **operação** militar.
c) Ele estava concluindo uma **operação** comercial.
d) Os guindastes favoreciam a **operação** resgate.

Outras vezes, embora o núcleo sêmico da palavra continue o mesmo, contextos diferentes fazem com que se atualizem diferentes semas virtuais:

- a) Pedro levou o **cão** ao veterinário.
b) Pedro leva uma vida de **cão**.

- c) Pedro é um **cão** fiel.
- e) Persignou-se para afastar as tentações do **cão**.

Também a entonação com que palavras e frases são pronunciadas, modifica-lhes a significação:

- O que você acha do meu vestido?
- Bonito! (admiração)
- Bonito. (indiferença)
- Bonito. (ironia)
- Bonito. (afirmação)
- Bonito? (interrogação, dúvida)
- Bonito! (surpresa)

O sentido de uma frase modifica-se quando se transfere a ênfase de um segmento para outro:

- a) **Você** quer este livro publicado pela UFG ?
- b) Você **quer** este livro publicado pela UFG ?
- c) Você quer **este livro** publicado pela UFG ?
- d) Você quer este livro **publicado** pela UFG ?
- e) Você quer este livro publicado **pela** UFG ?

Pronuncie a frase: "Olha a laranja", variando-lhe a entonação e veja quantos sentidos ela pode conter: indicação, espanto, interrogação, indignação, apelo para a venda da fruta. . .

Toda criança é capaz de perceber, pela entonação usada pela mãe, quando esta chama com carinho ou para uma repreensão.

Devem-se fazer exercícios com os alunos que lhes possibilitem decodificar a mudança de sentido causada pela alteração da entonação. Os próprios alunos são capazes de criar frases ou situações que permitam esse treinamento.

O disciplinamento da atenção é essencial para que se compreenda o que se está ouvindo. Pode-se ir gradativamente intensificando a concentração e prolongando o período em que se está atento. Vários exercícios podem ser feitos com esse objetivo, como por exemplo "O professor lê um texto narrativo pequeno para os alunos que devem responder a perguntas elementares como: O quê ? quem ? onde ? como ? quando ? por quê ? À medida que os alunos vão-se habituando a essa atividade, o professor aumenta o tamanho e o nível de complexidade dos textos e das questões".

Bastante conhecidos são os exemplos de distorções ocorridas nas transmissões orais, devidas a deficiências, ou mesmo maus hábitos, na audição. Leia-se um fato relatado com muitas minúcias ao primeiro

indivíduo de uma fila. Este deve recontar o fato ao indivíduo seguinte e, assim, sucessivamente, até o último da fila. Comparem-se em seguida a primeira e a última versões e notar-se-ão as omissões, as distorções. Não é sem motivo que existe o dito popular: "Quem conta um conto aumenta um ponto".

Partindo-se de observações decorrentes de exercícios como esses, pode-se chegar à cautela que se deve ter quando se lida com informações obtidas por via oral. É preciso atentar, também, para a distinção entre o real e o imaginário, entre fato e opinião, observação e inferência.

Fato é acontecimento; é coisa ou ação feita, verificada, provada; enquanto que opinião é modo de ver, é conjectura. Fatos não se discutem, mas opiniões, sim.

Observar é olhar atentamente, ao passo que inferir é concluir, é conclusão a que se chega pelo raciocínio baseado em indícios⁽⁹⁾. Indícios podem persuadir, mas não provam. Inferência e observação se distinguem pelo grau de probabilidade. As inferências são sempre menos prováveis que as observações. Estas possuem maior grau de certeza.

Imaginário é o que existe na imaginação; é ilusório, é fantasia; é o que foi concebido ou construído pela imaginação. O indivíduo imagina que está sendo perseguido ou que é infeliz. O subconsciente aceita isto como verdadeiro e faz o indivíduo sentir-se perseguido ou infeliz.

Real é o que existe de fato; o que tem existência objetiva; é o verdadeiro. Muitas pessoas criam fatos na imaginação e acabam acreditando-os reais.

Confundir real e imaginário, fato e opinião, observação e inferência constitui sério obstáculo à comunicação. Sua distinção é, portanto, indispensável e pode ser aprendida através de exercícios, como, por exemplo, pedir ao aluno que identifique numa série de afirmações qual expressa fato, opinião, observação, inferência, real e imaginário. Demonstrar, por exemplo porque em: 1) "Paulo entra num bar; ele vai beber", a primeira oração expressa observação, enquanto a segunda, uma inferência; 2) "Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro em 1839", expressa-se um fato; já em "Machado de Assis é o maior escritor brasileiro", tem-se uma opinião.

Distinções desse tipo são muito importantes quando se ouve uma palestra, uma conferência, uma explanação e, até mesmo, quando se participa de uma conversação, para que se possa interpretar correta e adequadamente o emissor e, assim, atingir o quarto nível na perícia em escutar: escutar com empatia, mas sem abdicar de sua individualidade.

Existem atividades educativas relacionadas ao aprimoramento da audição, tanto nos aspectos de acuidade e memória, quanto nos de seqüência auditiva e manutenção da atenção quando se está ouvindo. É, pois, necessário e possível aumentar a capacidade de audição, através de treinamentos. Entretanto, é o conhecimento da dinâmica do processo de comunicação e do papel que o ato de ouvir desempenha nesse processo que desperta no aluno e no professor a consciência dessa necessidade.

O processo da comunicação humana se realiza por meio de estímulos e respostas. A determinado estímulo corresponde uma resposta. O emissor recebe um estímulo que se transforma em reação mental e emotiva que ele procura comunicar, traduzindo em palavras.

Os sons emitidos pelo transmissor funcionam como estímulo que desperta a atenção do receptor. O aparelho auditivo do receptor, cuja atenção foi despertada, capta os sons que impressionam os condutos que levam o estímulo ao cérebro, onde, por um novo processo estímulo-resposta, os sons adquirem significado, transformando-se em palavras. Estabelece-se a compreensão e completa-se o circuito da comunicação humana. É, entretanto, necessário que o estímulo seja suficientemente forte para atrair a atenção do receptor para que ele ouça, pois, como já se disse, a comunicação humana está sempre na dependência inicial da atenção. Sem atenção, não há comunicação, pois é ela que garante o primeiro passo para o entendimento. Recebendo a mensagem, o receptor a interpreta internamente e externa essa interpretação. Coincidindo a sua interpretação com a do transmissor, nasce o significado comum, a compreensão entre os dois interlocutores.

Não basta, porém, apenas despertar a atenção. É indispensável mantê-la durante todo o processo comunicativo. Para isso, apela-se freqüentemente para os quatro estímulos principais da atenção: a intensidade, a repetição, a modificação e o contraste.

Vale-se da intensidade para atrair a atenção; da repetição para compensar as perdas causadas pelos ruídos; da modificação e do contraste para manter a atenção. Todavia, é preciso prevenir para que a atenção dirigida – ato consciente da vontade individual – se sobreponha à atenção periférica – ato involuntário. A atenção dirigida surge e se mantém pelo interesse, mas pode e deve ser aprendida por meio de treinamento. Disciplinar essa atividade mental é também um ato voluntário a que se chega através do interesse. Só se mantém a atenção, quando se mantém o interesse, e para estimular o interesse é preciso motivá-lo. Toda criatura humana comporta-se de acordo com seus motivos. A falta de interesse no que diz o emissor gera a indiferença, a

impaciência, o cansaço, tão prejudiciais à audição. É sempre a atitude mental do ouvinte, a sua predisposição, que emprestará maior ou menor eficiência à audição. Faz-se mister, então, atuar sobre os fatores físicos e mentais que interferem na audição, a fim de que se consiga, superando as dificuldades que lhe são decorrentes, tornar-se um bom ouvinte e usufruir das vantagens de ser um bom ouvinte.

“Do acervo cultural da Humanidade muito se tem perdido, porque muito pouco se tem ouvido”.

On réfléchit sur l'importance de l'audition dans le processus de communication et sur les objectifs de l'enseignement de langue maternelle. On y met en relief les facteurs physiques et mentaux et la possibilité et le besoin d'augmenter l'acuité auditive par l'entraînement systématique.

This paper seeks to reflect both on the importance of the listening act as a component part of the communication process as well the aims to be achieved in the teaching of the mother tongue. Physical and mental factors that bear some influence on the process are indicated. Finally, the possibility and need to increase the performance of the listening skill through systematic training is assessed.

NOTAS

1. No seu uso intra-subjetivo, a linguagem apresenta-se ora como suporte de reflexões pessoais, ora como uma espécie de apelo interior. O que caracteriza as funções monológicas da linguagem é cumprir o falante, ao mesmo tempo, o papel de remetente e de destinatário de suas próprias mensagens.
2. Nancy Arapof tem, entre outras publicações, um artigo intitulado: “Redação: um processo de pensar”, publicado em *English Teaching Forum*, mai./jun., 1970. Jérôme Bruner também aborda o assunto em *Uma Nova Teoria da Aprendizagem*, 4 ed., Rio de Janeiro, Bloch, 1976, p. 103-111. Douglas Avanço tem um estudo inédito intitulado “Da leitura à redação, um processo de pensar”, que lhe serve de suporte ao curso de redação que ele vem ministrando com muito sucesso na Faculdade de Educação da UFG.
3. Convém lembrar que no processo comunicativo há alternância de papéis entre emissor e receptor, como já se disse anteriormente.
4. Cf. Bruner, op. cit., p. 104
5. PENTEADO, J. R. Whitaker. *A técnica da comunicação humana*. 7 ed. São Paulo, Pioneira, 1980, p. 159

6. Whitaker Penteadó, op. cit., p. 162
7. Whitaker Penteadó, op. cit., p. 165
8. Whitaker Penteadó, op. cit., p. 180
9. Cf. Otto Moacyr Garcia. *Comunicação em prosa moderna*. 11 ed., Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1983, p. 293-4.

CONDIÇÕES ESCOLARES E EXPECTATIVAS DA POPULAÇÃO RURAL DE GOIÁS FRENTE A SEU PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO *

Maria Teresa Lousa da Fonseca **

Trata-se de um estudo sobre as condições do ensino rural em Goiás. Faz-se a análise teórica e histórica da sociedade goiana enquanto realidade sócio-econômica e político-cultural; enfoca-se uma possível relação entre a totalidade anteriormente estudada e os dados empíricos coletados e registrados na pesquisa "Diagnóstico do ensino rural em Goiás", da qual são selecionados seis temas. O exame desses temas leva ao reconhecimento de que a escola no meio rural em Goiás é apenas um arremedo de escola repudiado pelos professores e pela população rural. Conclui-se pela afirmação de que "as questões educacionais rurais de Goiás não podem ser pensadas fora da historicidade das questões educacionais básicas das classes subalternas. Elas só podem ser entendidas no interior da luta pelo ensino público, gratuito e de qualidade, e da luta pela democratização de todas as instâncias da sociedade brasileira".

I. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA E HISTÓRICA DO PROBLEMA

O tema aqui proposto para discussão centra-se nas condições escolares e expectativas da população rural de Goiás frente a seu processo de escolarização.

Do ponto de vista sob o qual pretendemos sugerir o debate, torna-se necessário de imediato historiar o contexto onde tal população

* Texto apresentado na IX Reunião Anual da ANPED-GT-Educação e Movimentos Sociais no Campo, Porto Alegre - 1988.

** Professora Adjunto do Departamento de Pedagogia da Faculdade de Educação/UFG.